

ADB

ANO III
Nº 25
09/10/95
ISSN 0104-8503

Boletim da Associação
dos Diplomatas Brasileiros



DUPLA MORAL

SUMÁRIO

Editorial	1
Ponto de encontro	4
Lista de descontos para associados	5
Salvo Melhor Juízo	6
Antônio Humberto Braga	
Um lance diplomático em Caracas	8
Jorge de Sá Almeida	
Wladimir em Brasília	10
Sérgio Bath	
Dupla Moral	12
Ricardo Carvalho do Nascimento Borges	
Surpresas da homonímia	15
Rubem Amaral Jr.	
A prima pobre do faisão	18
Arno Vogel e Marco Antônio S. Mello	
Visão de uma área desconhecida	21
Paulo Antônio Pereira Pinto	
Como identificar cartas-bombas	23
Entrelinhas	24

CAPA: Reprodução de antiga moeda romana, com o duplo rosto de Janus, a divindade que olha ao mesmo tempo para as duas margens do rio. A dificuldade em perceber a imagem é parte dessa ambigüidade...

EDITORIAL

I

O "Diário Oficial" de 4 de Setembro publicou Portaria do Ministro da Administração Federal e da Reforma do Estado (n.2.809, de 31-8-95) listando os 14.023 "funcionários fantasmas", como os chamou a imprensa: falsos funcionários, cujo pagamento ficaria em suspenso (Art.1) e que eram ameaçados com a "abertura de sindicância" para apuração de responsabilidades e ressarcimento ao Erário, sem prejuízo de outras sanções cabíveis (Art.4 Par.Único)".

A notícia da próxima divulgação dessa lista tinha sido dada à imprensa pelo MARE, e como é natural a opinião pública a aguardava com curiosidade, para nela identificar nomes "interessantes". Pois, para espanto geral, que estremeceu a Casa, havia ali uma centena de "nomes interessantes" do Itamaraty: diplomatas, servindo no exterior, alguns deles servidores com décadas de bons serviços prestados ao Governo federal.

O episódio não é um desses erros que podem ser desprezados com um simples dar de ombros. Ele caracteriza o que tecnicamente é uma difamação (sobretudo se não houver correção na mesma fonte), injúria e fere suscetibilidades. Mas principalmente é sintoma da inclinação ao erro que tem caracterizado nos últimos anos o funcionamento da máquina estatal. O Professor Hélio Jaguaribe costuma dizer que o Brasil, que já teve um dos melhores governos do Terceiro Mundo, tem hoje um dos mais claudicantes. É verdade!

A Administração do Itamaraty emitiu, a propósito, Circular Telegráfica da qual extraímos, sem mais comentários, as explicações seguintes: "Por engano, foram listados funcionários... que haviam sido corretamente cadastrados e que estão em serviço no exterior. O desencontro nasceu de inadequação do programa de informatização de pagamentos do MARE às peculiaridades do Itamaraty. Ao dar-se conta do erro, o MARE lamentou o ocorrido, confirmou nosso entendimento de que a folha de pagamentos no exterior não será afetada pela publicação da Portaria..." A qual, felizmente, no que se refere a essa falha "não está valendo..."

II

Guerras, revoluções, terrorismo, seqüestros e as mais variadas manifestações xenófobas pelo mundo afora são aspectos pouco lembrados do encanto da vida diplomática. Em Brasília, a covarde explosão, ao ferir a colega Andréia Rigueira David, estilhaçou a esperança de que poderíamos aqui esquecer a sensação, comum em tantas Embaixadas e Consulados, de sermos alvos indefesos. Consciente ou fruto da insanidade, o atentado alcança muito mais do que sua primeira vítima. Dada a triste realidade do efeito demonstração (entre loucos e irados), todos os funcionários do Itamaraty passam a viver um perigo adicional.

Alvos do atentado, devemos todos solidariamente enfrentar suas seqüelas. Sobretudo, precisamos resistir à tentação de esquecer um fato desagradável. Mais alguns dias, a imprensa deixará de lado o assunto e outras crises tenderão a monopolizar a atenção da Chefia. Não esqueçamos, porém, que deve ser feito todo o possível para evitar a repetição de tanto sofrimento.

Já que falamos de sofrimento, há que registrar a coragem. Admirável é a conduta da colega ferida. Mãos e braços enfaixados, a vista esquerda encoberta, o rosto marcado, Andréia impressionava pela serenidade. A nota que distribuiu à imprensa é um primor de moderação. Ademais, naqueles primeiros momentos de terror e confusão, vários funcionários demonstraram destemor e iniciativa inteligente. Que esses gestos sejam lembrados com orgulho, mas nunca como precedentes.

III

Cabe lembrar que, de todas as carreiras civis do serviço público Federal, nenhuma é melhor estruturada do que a nossa. Conforme o reconhece a própria Câmara da Reforma do Estado (cf. Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado, versão de 9-8-95, anexo da E.M Interministerial 49/95, de 18-8-95): "Consideram-se carreiras estruturadas apenas a Diplomacia, o Magistério e as carreiras militares". Dentro deste contexto, os funcionários diplomáticos são avaliados continuamente, ao longo das diferentes etapas da sua vida funcional. Assim é que, depois da avaliação inicial, no ingresso (o Exame de Admissão e os dois anos do CPCD, bem como a confirmação, que implica um julgamento funcional),

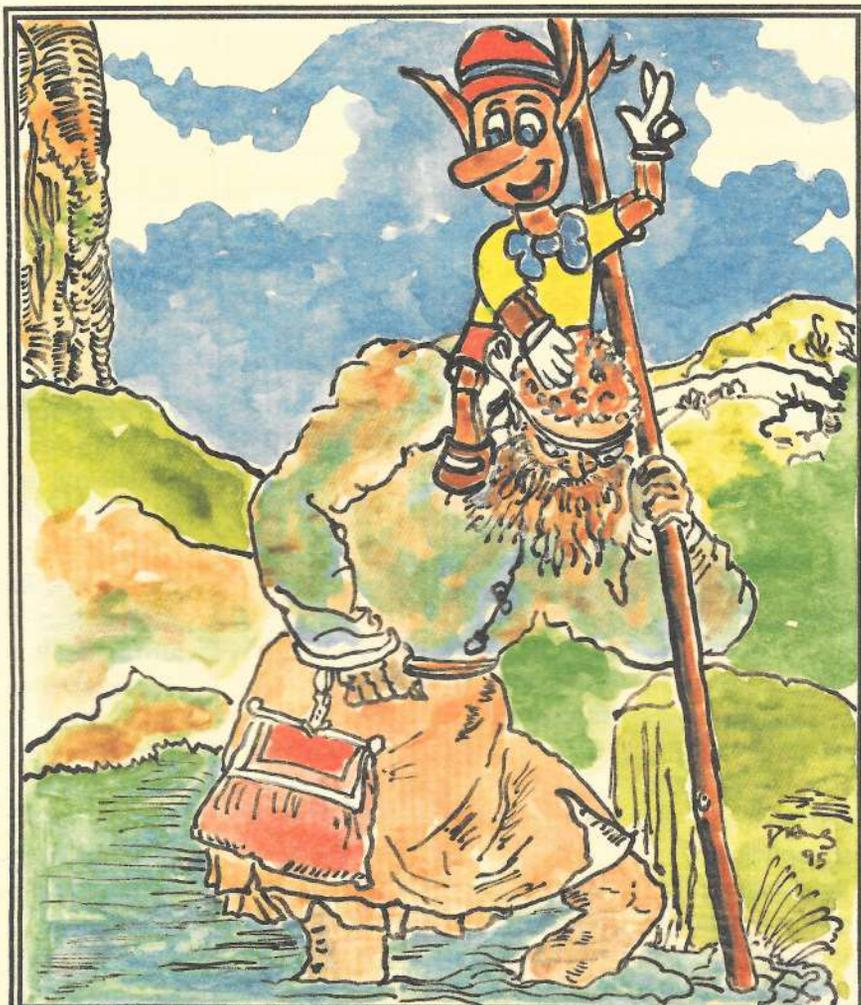
* os Segundos Secretários são avaliados no CAD (onde não são poucos os que claudicam);

* os Conselheiros são avaliados no CAE (onde alguns esbarram);

* os Secretários, Conselheiros e Ministros habilitados ao Quadro de Acesso são avaliados a cada semestre (sem falar na projetada avaliação dos Primeiros Secretários, tentada na Administração anterior, e que não vingou).

Além desses procedimentos de avaliação formal, há na Carreira também um processo contínuo da avaliação informal (precedendo cada promoção, remoção, designação para função de chefia ou assessoramento superior).

Portanto, não seria difícil demonstrar, em se querendo, que não PRECISARÍAMOS DE OUTRA AVALIAÇÃO, SOBRETUDO QUANDO CONCEBIDA GENERICAMENTE, E CONFLITANTE COM A HIERARQUIA E A ORGANIZAÇÃO FUNCIONAL ESPECÍFICA DA CARREIRA.



O sofrido São Cristobão, pela segunda vez, é obrigado a atravessar o Igarapé das Avaliações carregando Pinóquio nas costas.

PONTO DE ENCONTRO

Mensagens para Andréia Rigueira David

Na tarde de 03 de outubro de 1995 nossa colega Secretária Andréia Rigueira David foi vitimada por covarde atentado com carta-bomba, que a feriu seriamente no seu gabinete de trabalho na DAPS. No dia seguinte, o Presidente da ADB dirigiu a Andréia uma carta nos seguintes termos:

Querida Andréia,

Chocados com a cruel e traiçoeira armadilha que a vitimou no dia de ontem, sente-se em todo o Itamaraty a solidariedade e o carinho dos seus colegas. Como representante da nossa comunidade, a ADB deseja registrar esse sentimento unânime, e comunicar-lhe nosso repúdio ao atentado bárbaro e pulsilânime. Com nossos votos de sua pronta e completa recuperação.



À Secretária Andréia C. R. David

Foi com grande consternação que soubemos em Genebra do acidente de que você foi vítima. Nesses últimos dias, nossa atenção tem estado constantemente voltada para as notícias sobre

os cuidados que vem recebendo.

Em meu nome e no de todos os seus colegas e amigos da Missão em Genebra desejo fazer chegar-lhe os melhores votos de solidariedade e de pronta e completa recuperação

Celso Lafer
Embaixador Representante Permanente em Genebra



Ainda sob o impacto emocional do paranóico ato, associo-me aos amigos da ADB na corrente de orações pelo pleno restabelecimento da Primeira Secretária Andréia Rigueira David, a quem peço seja transmitida no momento oportuno a expressão de minha fraterna solidariedade.

Flávio Serrano



O respeito, o carinho e a admiração que adquirimos pela Secretária Andréia nesse período de convivência unem todos nós, funcionários da DAPS, em uma corrente positiva pelo restabelecimento

de nossa "PEQUENA GRANDE CHEFE".

Em 04/10/95.

Rosa, Socorro, Gilsa, Sílvia, César, Eva, Maria Auxiliadora, Ione, Lauro e Euníce.
Funcionários da DAPS.



Senhor Embaixador,

Escrevo brevemente, para fazer uma sugestão que me parece oportuna. A quase totalidade dos diplomatas brasileiros está associada ao FUSAL, que cobra de todos nós uma taxa de administração de cinco dólares mensais. Como se trata de uma aplicação financeira expressiva em seu total, creio que deveríamos receber periodicamente, talvez a cada seis meses, pelo menos, um extrato de nossa situação individual e dos investimentos feitos pelo Fundo, sua valorização, etc. Assim como está, não temos a menor idéia do que é feito com as nossas contribuições, e o mais distraídos nem mesmo se dão conta de quanto já contribuíram, no exterior, ou de quanto lhes resta a receber em cada temporada na Secretaria de Estado. Basta uma folha para indicar tudo isso, sem despesas de correio e a um custo administrativo mínimo.

J. Frederico Abbott Galvão
Primeiro Secretário

A prima pobre do faisão

Arno Vogel e
Marco Antônio S. Mello

*Para Antônio Olinto e Zora Seljan, que
em boa hora abriram o caminho.*

O ano de 1995 era novo ainda. O verão, tórrido como há muito não usava, trouxe consigo, além de seus ritos costumeiros, a caminho de seu ápice carnavalesco, uma notícia, que ganhou a primeira página dos jornais cariocas e fluminenses.

Os leitores eram informados sobre o que bem poderia considerar-se um fato menor do comércio externo brasileiro, incapaz, em princípio, de exercer influência perceptível sobre o balanço de pagamentos do país.

A notícia dava conta do recém concluído intercâmbio comercial entre o município fluminense de Quissamã - a 250 Km do Rio - e a República de Angola. A transação, em que pese sua insignificância do ponto de vista econômico, encheu de orgulho os habitantes da pequena cidade. Representava, para as suas apenas 14.000 almas, o restabelecimento de um laço histórico, pois, seus fundadores tinham sido escravos provenientes de Quissama, a 80 Km de Luanda.

O elo perdido dessa relação entre o Brasil e a África, entretanto, não foi o açúcar, nem o côco, nem tampouco o petróleo, tradicionais exportações fluminenses. Nenhum deles teria podido, salvo pela quantidade, despertar a atenção do noticiário

nacional, cujas prioridades eram os destinos do novo plano econômico e a configuração do novo governo, sobretudo.

O que distinguia a transação eram menos o volume e valor monetário, do que o seu objeto. Com efeito, a carga, que de Quissamã tratava de embarcar-se para Luanda, compreendia somente algumas dezenas de aves domésticas. Não galinhas, nem patos, ou gansos, ou mesmo perus, comumente encontrados nos terreiros. Tratava-se, ao invés, de 50 galinhas d'angola, que dessa forma, e curiosamente, deviam empreender a travessia de volta para a sua terra de origem, restabelecendo uma antiga continuidade.

As implicações dessa operação ultrapassam de muito os limites estreitos do orgulho e da história local. Para disso convencer o leitor será preciso remetê-lo ao papel da galinha d'angola no universo simbólico e ritual da cultura afro-brasileira, que se desenvolveu e passou a existir, primeiro nos grandes centros urbanos do litoral, hoje em todo o país e, para além de suas fronteiras, em países vizinhos (a expansão dos cultos afro-brasileiros é, hoje, fato notório nos países da Bacia do Prata, sobretudo na Argentina).

A galinha d'angola existe em várias regiões do Brasil. Sob os nomes de galinhola, guiné, angolinha e angolista, capote, etú, cocar, picota, pintada, tofraco, conquém, catraio ou tolutólú, essa ave africana encontra-se, tanto no terreiro das propriedades rurais, quanto nas grandes cidades, onde freqüente, além das feiras e mercados, esses outros terreiros que são as casas de candomblé.

Nestas últimas, ocupa uma posição singular, como vítima sacrificial, por excelência, dos ritos iniciáticos, e como personagem de todo um ciclo de narrativas míticas. A partir dessa dupla vertente, a galinha d'angola surge como símbolo focal dos cultos afro-brasileiros.

O privilégio que se lhe concede nos ritos de iniciação é incontestável. No intróito do ciclo cerimonial pelo *bori* (ritual que, juntamente com a lavagem de contas abre o ciclo iniciático. Fora deste ciclo, pelo rito terapêutico. Em ambos os casos, consiste em dar "dar de comer e beber - sacrificar para - à cabeça") é imolada ao som de uma verdadeira cantiga de anúncio - "*Baba bi a bi etú, conquém; Baba bií a bií etú, conquém*" - quer dizer: "Pai ele (ela) nascerá galinha d'angola, conquém. Pai ele (ela) será como a galinha d'angola, conquém".

Esse futuro iniciático vai cumprir-se no *orunkó* (expressão iorubá, empregada na liturgia dos candomblés, e que significa "qual é o teu nome?"). Ocorre na mais expressiva cerimônia pública do candomblé, (conhecida como saída-de-santo, dia do nome, saída-do-iaô ou muzenza), quando o(a) filho(a)-de-santo se apresenta apoteoticamente comunidade do can-domblé, transfigurado(a) em galinha d'angola. E, também, na *romaria*, quando os(as) recém iniciados(as) são conduzidos, em bando coeso (como as galinhas d'angola) ao mercado e à missa, fecho dramático do ciclo e da demonstração pública da nova identidade.

O ciclo mítico, por sua vez, é uma série de relatos sobre como a galinha d'angola foi feita e veio a ser o que é. Cada narrativa é o relato de um ritual originário e fundador.

A primeira dessas narrativas míticas (todas elas correntes no Brasil) é a história da grande mortandade que, outrora, assolou a terra, dizimando os seres vivos. A conselho de Oxalá, os homens cobriram de pintas brancas uma galinha preta, para, em seguida, soltá-la no mercado. A morte, que por aí perambulava, vendo-a, assustou-se e fugiu. Assim, a vida tornou a incrementar-se e os seres, de novo, se multiplicaram.

A segunda narrativa conta que, em determinado momento, os deuses sentiram-se sós. Oxum, senhora da fertilidade, resolveu solucionar o problema. Tomou uma galinha d'angola catulou-a, raspou-a e pintou-a. Colocou na sua cabeça o oxú e o ikodidé (catular significa cortar o cabelo, deixando

um tufo no alto do crânio; oxú é um artefato cônico de substâncias sagradas de origem mineral, vegetal e animal, colocado na cabeça dos noviços após as incisões rituais; ikodidé é a pena vermelha do papagaio-da-costa - *Psitacus eritacus* sp.). Assim acabou, para sempre, a solidão dos Orixás.

Outro mito, na verdade uma lenda divinatória, narra o encontro de Oxalá com o exú. Vinham ambos pelo mesmo caminho. A galinha d'angola recordou, então, os conselhos dos mais velhos. Solícita, presenteou o viajante, cuja verdadeira identidade desconhecia. Obatalá, senhor da criação, no entanto, encantado com sua gentileza e generosidade, resolveu conceder-lhe todas as cores, "para distingui-la entre seus pares, as aves do mato".

Uma quarta história revela como os atributos, anteriormente adquiridos, se incorporaram, definitivamente, à natureza da galinha d'angola. Diz que, um dia, esta voou para o mato, onde se deparou com Exú Jolú, que, ao ver as pintas, o oxú e a pena vermelha do ikodidé, abra de Oxúm, decidiu fazer um ebó (termo que designa, genericamente, oferendas e sacrifícios. Usa-se também trabalho, despacho e, às vezes, feitiço), graças ao qual todas essas marcas se fixaram. Daí por diante, ela nunca mais mudou.

Outra passagem do ciclo refere-se ao papel cosmológico da galinha d'angola. Odudúá, irmão de Obatalá, tê-la-ia encarregado de, ciscando o barro arremessado nas águas primordiais, fazer a Terra. Desse modo, os orixás puderam baixar do Orúm e dançar nas noites dos terreiros, renovando o fluxo do axé e, através dele, a vida dos seus filhos e filhas.

O último desses mitos, finalmente, relata como o primeiro escravo - o Africano, encantou-se pela galinha d'angola. Achando-a linda, resolveu fazer igual. Raspou a cabeça, colocou o chifrinho e fez as pintas, surgindo, assim, o primeiro iaô. Este primeiro filho-de-santo chamava-se Jinã - "aquele que está curado", epíteto de Obalualê - o senhor e dono da terra (Aiê), ao qual a galinha d'angola passou a associar-se, simbolicamente. Depois disso, as gerações de filhos-de-santo foram se sucedendo e, com elas, desenvolveu-se a seita.

Por isso, a galinha d'angola é, não só a mãe dos filhos-de-santo, que sem ela não poderiam existir, dado o seu indispensável concurso, como animal sacrificial, na *feitura*; mas, também, seu mais perfeito símile, pis, como ela, os(as) iaôs; são raspados, catulados, pintados e adoados; como ela, "quase falam", andando abaixadinhos e em bandos; e, ainda, como ela, devem ser unidos, atentos, aguerridos, diligentes, generosos, respeitadores das hierarquias, serviçais e prolíficos.

De todo esse contexto a galinha d'angola emerge como um dos mais poderosos artefatos rituais e simbólicos da cultura afro-brasileira. É o emblema

que perpassa e unifica a nebulosa das casas de culto do povo-de-santo. Distingue-as na morfologia social; fornece-lhes modelo e prospecto da vida iniciática e, portanto, da plenitude existencial.

É, pois à sua onipresença que se deve o contínuo (re)estabelecimento da relações entre o Orúm (mundo arquetípico da existência genérica) e o Aiê (mundo encarnado da existência individualizada); entre as diversas etnias submetidas à diáspora, que puderam congregar-se em torno dela, no culto, e, finalmente, entre o Brasil e a África, não apenas no sentido mítico-religioso, mas, como no caso de Quissama e Quissamã, em termos histórico-culturais, numa significativa inversão do fluxo que trouxe esta mesma ave ao Brasil, há mais de quatro séculos.

É este, sem dúvida, o fato que torna notável a de outro modo insignificante operação mercantil, pois, se o intercâmbio comercial sofreu eventuais e mais ou menos prolongadas interrupções, os laços culturais se mantiveram, a tal ponto que se pode dizer que não há, atualmente, fora do continente africano, outro país cujas afinidades culturais com a África sejam maiores do que as nossas.

Essas afinidades vêm sendo crescentemente reconhecidas, fato para o qual tem contribuído a internacionalização cada vez mais ampla do Brasil, impulsionada pelas vicissitudes do seu processo de desenvolvimento, de um lado, e de outro, pela própria expressividade do contexto africano na política mundial.

Tal reconhecimento trouxe consigo efeitos importantes de parte a parte. Para as culturas do continente africano, relacionadas historicamente com o Brasil, a recente aproximação conosco veio revelar aspectos um tanto esquecidos do seu passado pré-colonial, em particular no campo dos sistemas cosmológicos e rituais. As implicações dessas descobertas para a recuperação de saberes naturalísticos, processos tradicionais de cura, expressões de natureza artística (ritmos, danças, padrões plásticos), formas da cultura do quotidiano (culinária, técnicas corporais, jogos e brinquedos), expressões de natureza lingüística (maneiras de falar, linguagens arcaicas, formas de polidez), entre tantos outros aspectos, são consideráveis. Em suma, no Brasil, a África se redescobre de forma caleidoscópica.

Ao mesmo tempo, do lado brasileiro, pouco a pouco, vai surgindo uma consciência mais aguda da participação da cultura africana no processo original de elaboração da cultura popular, e, também, nas expressões eruditas da música, da literatura e das

artes plásticas. Além disso, vamos descobrindo as similitudes que nos foram impostas pelo passado comum da colonização portuguesa, fator nada desprezível para um processo de identificação positiva com a África, especialmente com os países lusófonos.

Seja como for, as afinidades culturais entre o Brasil e os países africanos podem considerar-se, no âmbito da cooperação, como um recurso principal, caracterizado pela associação de baixo custo e altas taxas de benefício. No caso brasileiro, um autêntico recurso natural, pois sua produção não exige qualquer instrumento prévio, ocorrendo de forma espontânea e contínua. Trata-se, além disso de um recurso virtualmente inesgotável básico, portanto, para a consideração das prioridades da cooperação com os países da África, ou mesmo para um frutífero intercâmbio, oxalá futura integração, com os países da América-Latina e, do Caribe, com forte presença cultural africana.

Assim, a transação entre a Quissama africana - "fruto da terra que está entre o rio e o mar" (no caso entre o rio Kwanza e o Oceano Atlântico) e a brasileira Quissamã (entre o mesmo Oceano Atlântico e o rio Macabú), evoca os nexos afetivos e culturais que trouxeram a galinha d'angola para o Brasil.

Neste sentido, parece um bom presságio que a galinha d'angola - *Numida meleagris sp.*, tenha encontrado seu lugar na pauta de nossas exportações. Natural da África, há muito tempo freqüenta terreiros e mercados, sendo imolada nos sacrifícios afro-brasileiros e consumida pelos filhos-de-santo em seus ágapes rituais. À mesa das elites, nos restaurantes exclusivos, entretanto, essa prima pobre do faisão, só pode chegar sob a falsa qualidade do seu primo rico.

Talvez, enobrecida por um inesperado valor comercial, possa vir a fazê-lo, doravante, abertamente, inaugurando uma era em que as relações do Brasil com a África venham a existir, sem subterfúgios, como troca assumida, constante e frutífera, em benefício de um comum desenvolvimento, marcado pela equidade, num contexto de relações sociais em que a galinha d'angola e o faisão sejam, igualmente considerados pelos seus méritos, nunca discriminados pela sua procedência.

No entretanto, brasileiros e estrangeiros de todos os rincões poderão admirar a *Pintada Encantada* na Marquês de Sapucaí, onde se apresentará, durante o carnaval de 1996, como protagonista do enredo que Chico Espinosa criou para a escola de Samba União da Ilha do Governador.

COMO IDENTIFICAR CARTAS-BOMBAS

- Ver se a carta tem endereço, remetente e destinatário.
- Saber se o remetente e o endereço existem.
- Ao receber correspondência "pessoal" em escritório ou em lugar para onde ela não deveria ser mandada, desconfie.
- Algumas cartas-bombas podem ser produzidas com papel alumínio e arames, que podem ser descobertos ao serem apalpadados, ou terem manchas de óleo.
- É comum também o nome e o endereço do remetente dessas, serem escritos com letras decalcadas.
- Uma carta-bomba pode dar a impressão, ao ser manuseada, de ser rígida ou de ter o peso mal distribuído no envelope.
- Órgãos governamentais e instituições que podem ser alvo de ataques devem passar a correspondência em um aparelho de raio X.
- O raio X detecta metais e, como quase todas as cartas usam arames, fios, baterias e pilhas, pode identificar uma correspondência suspeita.
- Não abra.
- Não coloque em lugar fechado, como cesto de lixo ou armários.
- Leve a carta para um lugar aberto.

COMO FUNCIONA A BOMBA

- 95% das cartas-bombas encontradas no Brasil são feitas a partir das misturas de pólvora negra e pólvora sem fumaça. Essas bombas exigem embalagens maiores, tipo Sedex.
- Usada em rojões, a pólvora negra contém carbono, enxofre e nitrato de potássio. Com dois gramas é possível fazer uma bomba com raio de ação de 1,5 metro. A pólvora sem fumaça (usada em armas de fogo) contém nitroglicerina e nitrocelulose e tem poder explosivo maior.
- Nas cartas-bombas usadas no país, uma ação mecânica - o gesto de abrir a correspondência - provoca uma corrente elétrica (a bomba carrega baterias ou pilhas) e detona a pólvora negra, que aciona a pólvora sem fumaça e os fragmentos de vidro ou chumbo.

LIGUE PARA

Segurança do MRE - 6744/6722
INC da Polícia Federal - 245-5522
Polícia Militar do DF - 190

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO

Devido a novos procedimentos adotados agora pelo SERPRO, ocorreram dificuldades no processamento dos descontos em folha de pagamento. O associado poderá verificar que há três meses não consta o desconto da ADB em seu contra-cheque. Diante deste fato, em outubro houve um desconto retroativo a três meses, deixando assim de haver prejuízo para a associação e para os associados, como é justo.

.....

A ADB está aberta aos leitores do Boletim que queiram publicar seus artigos. Este é um convite amplo para que nos enviem suas contribuições - de preferência de 2 a 6 laudas.

Participe do Boletim !

.....

ERRATA (BOLETIM Nº 24)

Na pág.10 (O Papa e o Timor), ao invés de estilo "neoromântico" o certo seria "neoromânico".

Na mesma página o certo seria "Virgem de Fátima" (com V maiúsculo) e não "virgem de Fátima".

Quando diagrama-se um artigo, muitas vezes o programa da editoração eletrônica interrompe palavras com um hífen inesperado.

Na pág.14, por exemplo, aparecem "exata-mente" e "empregados".

Monteiro Lobato costumava dizer que há em toda gráfica um saci que, à noite, interfere nos textos em preparação, misturando algumas letras e comendo outras. Quem faz o trabalho editorial não pode deixar de acreditar nesse gênio do mal especializado. Assim é que, a despeito do cuidado e do tempo investidos na revisão, nossa equipe é sempre



surpreendida por erros - invisíveis durante a elaboração, iluminados em vermelho quando o Boletim está irremediavelmente pronto. Acidentes como estes acontecem constantemente em revistas conhecidas.

Esta é uma explicação que serve para transportar o leitor ao cenário em que acontecem esses aparentes deslizes.

.....

Com o apoio da ADB na concepção, projeto e realização foi inaugurada pela Fundação Petrópolis, no dia 23 de setembro, a exposição fotográfica sobre o Barão do Rio Branco. Nesse dia, o Embaixador João Hermes de

Araújo fez uma conferência sobre "Rio Branco em Petrópolis", e o Presidente da ADB falou sobre a vida e a obra do patrono da diplomacia brasileira.

.....

No dia 7/11 foi realizado às 19:00 na sala Portinari do Palácio do Itamaraty, o lançamento da 2ª edição do livro "O MUNDO EM QUE VIVI" de autoria do Embaixador Manoel Pio Corrêa.

.....

Tendo em vista o interesse demonstrado por leitores do Boletim ADB em adquirir o livro "A Face Oculta e Outras Histórias", contactamos o Conselheiro Vítor Manzolillo de Moraes que nos informou estarem os exemplares à disposição, gratuitamente (alguns na sala da ADB), por se tratar de uma edição experimental, feita no exterior. A próxima impressão será lançada no circuito comercial das livrarias, oportunamente.

.....

Caso o associado ainda não possua sua carteira ADB, pedimos a gentileza de entrar em contato com a Secretaria de Redação da ADB, pelos telefones: 211-6950, 224-8022 ou pelo fax nº: 322-0504.

.....

Informamos aos interessados em adquirir reproduções fotográficas do Barão do Rio Branco (referentes à exposição da ADB) que entrem em contato com a secretaria da redação da ADB pelos telefones: 211-6950 e 244-8022 ou pelo FAX: 322-0504.

*Conserve sua
coleção do Boletim!*

FICHA TÉCNICA

ADB

Boletim da Associação
dos Diplomatas Brasileiros

ANO III Nº 25
SET, OUT 1995
ISSN 0104-8503

CONSELHO EDITORIAL
SÉRGIO FERNANDO GUARISCHI BATH
ADOLF LIBERT WESTPHALEN
RUBEM AMARAL JÚNIOR
MARCELA MARIA NICODEMOS

JORNALISTA RESPONSÁVEL
DIVA GRADILONE

EDITOR
SÉRGIO FERNANDO GUARISCHI BATH

DIAGRAMAÇÃO
CASEDA FELICE

REVISÃO
SÉRGIO BATH

SECRETARIA DE REDAÇÃO
CHRISTIANNE BRANDELLI

ASSISTENTE DE REDAÇÃO
MARIA CRISTINA AMARAL

ILUSTRADORES
JOSÉ ANTÔNIO DE MACEDO SOARES
CASEDA FELICE

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
CHARBEL GRÁFICA E
EDITORA LTDA.

TIRAGEM
1.400 EXEMPLARES.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, ANEXO
ADMINISTRATIVO I, TÉRREO.

AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO DA
RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES.